

Sumário	Pág.
■ Economia Internacional	1
■ Estados Unidos	1
■ Economia Brasileira.....	5
■ Calendário econômico.....	12

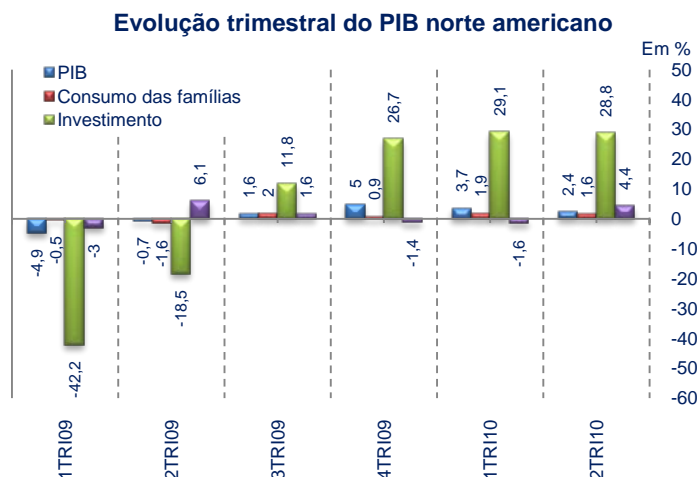
Acompanhamento semanal
26 a 30 de julho de 2010

Economia Internacional

Estados Unidos da América

■ PIB do 2ºTRI10 registra expansão de 2,4%

O PIB norte-americano registrou uma expansão de 2,4% no segundo trimestre, de acordo com a primeira leitura, na taxa anualizada, ante o primeiro trimestre, quando a expansão foi de 3,7% (número revisado). O resultado veio em linha com as expectativas do mercado.



Fonte: Bureau of Economic Analysis

Gastos reais com consumo pessoal aumentaram 1,6% no segundo trimestre, ante aumento de 1,9% no primeiro, enquanto os gastos com bens duráveis aumentaram 7,5%, comparado a um aumento de 8,8%. Bens não duráveis cresceram 1,6%, comparado com um aumento de 4,2%. Serviços cresceram 0,8%, em comparação com um aumento de 0,1%.

Investimentos fixos não-residenciais subiram 17%, após avanço de 7,8% no primeiro trimestre. Estruturas não-residenciais subiram 5,2%, depois de queda de 17,8%.

Equipamentos e software aumentaram 21,9% comparado a uma alta de 20,4%. Investimentos fixos residenciais tiveram um aumento de 27,9%, na comparação com uma queda de 12,3% no primeiro trimestre.

As exportações de bens e serviços aumentaram 10,3% no segundo trimestre em comparação com alta de 11,4% no primeiro trimestre. Já as importações de bens e serviços subiram 28,8% ante avanço de 11,2%.

Os gastos públicos subiram 9,2% no segundo trimestre depois de registro de alta de 1,8% no primeiro trimestre. Gastos com defesa aumentaram 7,4% ante aumento de 0,4%. Fora defesa, os gastos subiram 13%, após alta de 5%. Os gastos do governo com o setor imobiliário e investimentos brutos subiram 1,3%, depois de retração de 3,8%.

Os estoques privados contribuíram positivamente com 1,05 p.p. na variação do PIB do segundo trimestre, depois de adição de 2,64 pontos percentuais no primeiro trimestre.

■ Mercado imobiliário

Venda de imóveis novos: as vendas de imóveis novos nos Estados Unidos subiram 23,6% em junho ante maio, para uma taxa anualizada de 330 mil residências, descontados os fatores sazonais, ante 267 mil em maio (número revisado). Na comparação com junho de 2009, quando as vendas foram estimadas em 396 mil, houve uma queda de 16,7%.

A mediana do preço de novas casas vendidas em junho caiu 1,39%, para US\$ 213,4 mil, ante US\$ 216,4 mil (número revisado) em maio. O preço médio de venda recuou 9,84%, para US\$ 242,9 mil, ante US\$ 269,4 mil (número revisado) em maio.

O número ajustado sazonalmente das estimativas de casas novas à venda no final de junho foi de 210 mil, o que representa um estoque correspondente a 7,6 meses, considerando o ritmo de vendas atual.

Evolução das vendas de residências novas e do índice de preços Case-Shiller

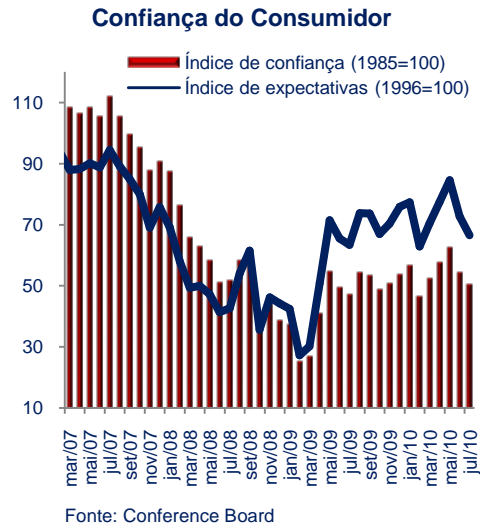


Fonte: U.S. Department of Commerce; Standard & Poor's

Índice de preço S&P/Case-Shiller: os preços de imóveis residenciais apresentaram crescimento nas 20 regiões metropolitanas dos Estados Unidos em maio. O índice de preços S&P/Case-Shiller mostrou uma leitura de 146,43 pontos em maio, uma alta de 4,6% em relação ao mesmo mês do ano passado, e avanço de 1,3% na comparação com abril deste ano. Considerando apenas as dez maiores cidades, com leitura de 159,36 pontos em maio, o índice subiu 5,4% na comparação com o mesmo mês do ano passado, enquanto na comparação com abril deste ano houve um avanço de 1,2%.

Índice de Confiança do Consumidor declina

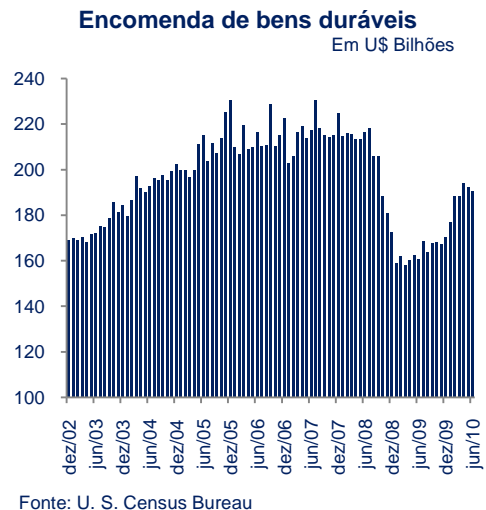
O índice de confiança dos consumidores norte-americanos, medido pelo Conference Board, caiu para 50,4 pontos em julho ante 54,3 em junho (dados revisados). O percentual daqueles que acreditam que as condições de negócios estão ruins aumentou de 41% em junho para 43,6% em julho. O percentual dos que acham que as condições estão boas avançou de 8,4% para 9%. No entanto, os consumidores avaliaram que as condições do mercado de trabalho estão piores.



Índice de confiança do consumidor Michigan/Reuters: o índice de confiança dos consumidores norte-americanos caiu em julho, na comparação com o mês de junho, mas veio acima da leitura preliminar. A leitura final do índice para este mês recuou para 67,8 pontos, ante os 76 pontos verificados em junho. Na leitura preliminar, o indicador havia apontado queda para 66,5 pontos. Economistas esperavam que o indicador registrasse leitura de 67,5 pontos em julho.

Indicadores industriais

Pedidos de bens duráveis: os pedidos de bens duráveis nos Estados Unidos recuaram 1%, para US\$ 190,5 bilhões em junho. No mês anterior, o indicador caiu 0,8% (dados revisados). Excluída a categoria transportes, o índice de novos pedidos recuou 0,6%. Exceto defesa houve uma queda de 0,7% em junho em relação a maio.



PMI Chicago de atividade industrial: o índice dos gerentes de compras de atividade industrial de Chicago subiu para 62,3 pontos em julho ante 59,1 pontos em junho.

O componente de novos pedidos subiu de 59,1 pontos em junho para 64,6 pontos em julho, e o subíndice de preços pagos recuou de 61,9 para 58,1 pontos. O componente de emprego registrou alta, passando de 54,2 pontos para 56,6 pontos, enquanto que o indicador de estoques subiu de 46,5 pontos para 50,8 pontos em julho.

Nossa perspectiva: o FMI afirmou que, graças às inúmeras ações políticas, a economia dos Estados Unidos está se recuperando de uma de suas piores crises. A previsão é que o PIB do país avance 3,3% neste ano, e 2,9% em 2011, de acordo com documento divulgado hoje pela instituição.

Mesmo com o processo de recuperação em curso, a economia continua dependente de medidas de estímulos, o que aumenta os riscos e desafios de longo prazo, inclusive no setor financeiro, o que pede por ações mais decisivas para que se alcance um crescimento estável no longo prazo. As medidas de estímulos continuam apropriadas para este ano, segundo a instituição, mas é apropriado que sejam retiradas em 2011. Entre os principais desafios, está colocar a dívida pública em um caminho sustentável.

Já o FED, em seu livro bege, mostrou que a atividade econômica continuou aumentando, em geral, desde o levantamento anterior, embora as regiões de Cleveland e Kansas City relataram que o nível de atividade econômica em geral, manteve-se estável. Entre os distritos que relataram melhoria na atividade econômica, alguns deles afirmaram que os aumentos foram modestos, e os distritos de Atlanta e Chicago afirmaram que o ritmo da atividade econômica desacelerou recentemente.

A atividade manufatureira continuou a se expandir na maioria dos distritos, apesar de vários distritos afirmarem que a atividade recuou ou estabilizou durante o período. Também foram observadas melhores condições no setor dos serviços. A atividade no setor de transportes e turismo também cresceu na maioria das regiões.

Os relatórios de vendas no varejo em geral indicaram um aumento contínuo dos gastos, com vendas de artigos de primeira necessidade mais fortes do que produtos mais caros. No entanto, a oferta de crédito manteve-se restritos na maior parte dos distritos. No mercado de trabalho, as condições gerais melhoraram modestamente, com vários relatórios indicando a contratação de mão-de-obra temporária. Os preços ao consumidor de bens e serviços ficaram estáveis. Os preços de matérias-primas ficaram estáveis, com poucos relatos de aumentos de custos.

Economia Brasileira

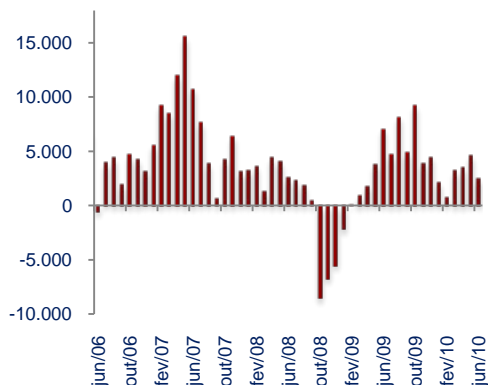
Setor externo em junho

5

Balanco de pagamentos: o balanço de pagamentos registrou superávit de US\$2,4 bilhões em junho. As transações correntes foram deficitárias em US\$5,2 bilhões, acumulando déficit de US\$40,9 bilhões nos últimos doze meses, equivalentes a 2,13% do PIB. A conta financeira apresentou ingressos líquidos de US\$7,6 bilhões no mês. Destacaram-se os ingressos líquidos de investimentos estrangeiros em carteira, US\$3 bilhões em junho. A conta de serviços apresentou déficit de US\$2,7 bilhões no mês, 42,3% superior ao registrado em junho de 2009.

Evolução do Balanço de Pagamentos brasileiro

Em US\$ milhões

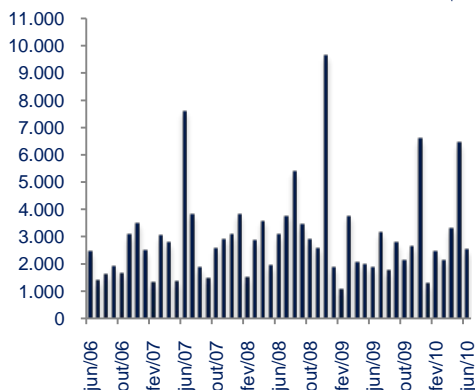


Fonte: BACEN

Investimentos Estrangeiros Diretos: somaram ingressos líquidos de US\$708 milhões. Os ingressos líquidos em participação no capital de empresas no País, incluídas as conversões em investimentos, atingiram US\$1,6 bilhão, enquanto as amortizações líquidas de empréstimos intercompanhias totalizaram US\$889 milhões.

Evolução do Investimento Estrangeiro Direto,

em US\$ milhões

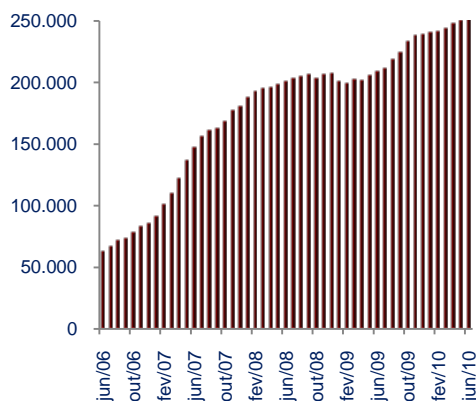


Fonte: BACEN

Investimentos Estrangeiros em Carteira: apresentaram ingressos líquidos de US\$3 bilhões no mês. Os investimentos em títulos de renda fixa negociados no País e em ações negociadas no País e no exterior registraram ingressos líquidos de US\$3,1 bilhões, comparados a US\$1,7 bilhão no mês anterior.

Dívida externa: em junho, a dívida externa total somou US\$225 bilhões, elevando-se US\$6,8 bilhões em relação à posição estimada para o mês anterior. No mesmo período, a dívida de longo prazo totalizou US\$183 bilhões, aumento de US\$2 bilhões, enquanto a dívida de curto prazo, US\$42,2 bilhões, cresceu US\$4,8 bilhões.

Evolução das reservas cambiais do Brasil,
em US\$ milhões



Fonte: BACEN

Reservas internacionais: em junho, as reservas internacionais somaram US\$253 bilhões, com crescimento de US\$3,3 bilhões em comparação ao estoque apurado para maio.

Nossa expectativa: o déficit de US\$ 5,18 bilhões das transações correntes foi o pior para meses de junho em toda a série histórica do Banco Central, iniciada em 1947. Na relação com todos os meses, foi o segundo pior resultado, já que em dezembro do ano passado as contas ficaram negativas em US\$ 5,95 bilhões.

A remessa de lucros e dividendos ao exterior, que também figurou como recorde para meses de junho no mês passado, somando US\$ 4,16 bilhões, foi a principal razão para o resultado negativo nas transações correntes. Em junho do ano passado, o montante havia chegado a US\$ 3,03 bilhões.

Relacionada a este número, a saída de dólares na conta de Serviços favoreceu o déficit na conta corrente e continuou elevada no sexto mês do ano, somando déficit de US\$ 7,60 bilhões, o pior resultado da série histórica. Portanto, o resultado do mês está associado fundamentalmente a essa elevação nas remessas relativas a lucros e dividendos, enquanto as demais componentes mantêm o comportamento observado ao longo do semestre de crescimento significativo.

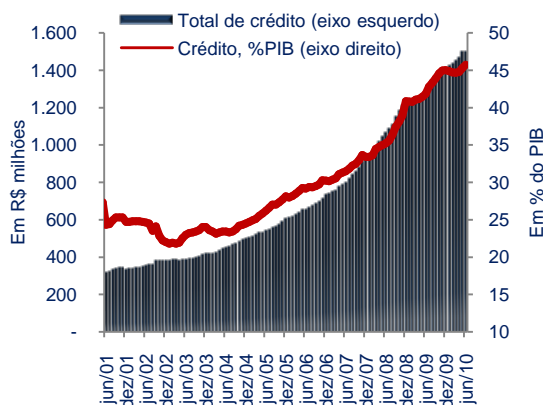
O destaque foi a conta de Viagens Internacionais, que atingiu o recorde para meses de junho de US\$ 909 milhões e, em julho até o dia 26, já acumula resultado negativo de US\$ 815 milhões. O emprego e a renda são variáveis-chave para o crescimento em viagens internacionais.

Neste contexto, o Banco Central manteve em US\$ 49 bilhões sua projeção para o déficit da conta corrente brasileira em 2010. Para a balança comercial, a previsão de superávit foi elevada de US\$ 10 bilhões para US\$ 13 bilhões, decorrentes de exportações de US\$ 185 bilhões e importações em US\$ 172 bilhões.

7 Evolução positiva do crédito

Operações de crédito: o estoque total de crédito do sistema financeiro, incluídas as operações com recursos livres e direcionados, atingiu R\$1.529 bilhões em junho, elevando-se 2% no mês e 19,7% em doze meses. Esse volume passou a representar 45,7 % do PIB, comparativamente a 45,2% em maio e 41,8% em junho de 2009. A expansão do crédito continuou ocorrendo com maior vigor no segmento de recursos direcionados, impulsionado pelo desempenho das carteiras do BNDES e pela continuada expansão dos financiamentos habitacionais.

Total de crédito no sistema financeiro e sua participação no PIB, em %.



Fonte: BACEN

Participação dos bancos: a demanda crescente por financiamentos habitacionais e investimentos concorreu para elevar a participação relativa dos bancos públicos no total da carteira do sistema financeiro de 41,7% em maio para 42,3% em junho. Em decorrência, a participação relativa das instituições privadas nacionais declinou de 40,5% para 40,1%, enquanto a dos bancos estrangeiros passou de 17,8% para 17,6%.

Recursos direcionados: a parcela correspondente aos recursos direcionados alcançou R\$511,6 bilhões, ampliando-se 2,4% no mês e 35,3% em relação a junho de 2009. As carteiras de financiamentos do BNDES, que representaram 61,1% do segmento, totalizaram R\$312,9 bilhões, avançando 3,1% no mês e 41,5% em doze meses. Esse desempenho, associado, principalmente, à demanda de recursos para projetos de investimento em infraestrutura, resultou de expansões de 2,1% nas operações concedidas sob a forma direta, saldo de R\$168,1 bilhões, e de 4,2% nos financiamentos realizados via repasses de instituições financeiras, volume de R\$144,8 bilhões. O saldo dos financiamentos habitacionais cresceu 3,5% no mês, acumulando taxa de expansão de 50,9% em doze meses, ao atingir R\$106 bilhões.

Taxa média de juros: a taxa média de juros das operações que compõem o crédito referencial atingiu 34,6% a.a. em junho, com declínios de 0,3 p.p. no mês e de 2 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior. O resultado mensal refletiu a redução de 1,1 p.p. no custo médio das operações com pessoas físicas, situado em 40,4% a.a.

Inadimplência: a inadimplência no âmbito do crédito referencial, correspondente aos atrasos superiores a noventa dias, permaneceu em trajetória declinante, posicionando-se em 5% em junho, com recuo de 0,1 p.p. O percentual correspondente às pessoas físicas atingiu 6,6%, com queda mensal de 0,2 p.p., enquanto nas operações com pessoas jurídicas esse indicador situou-se em 3,6%, registrando decréscimo de 0,1 p.p.

Nossa perspectiva: as operações de crédito do sistema financeiro mantiveram expansão em junho. No entanto, a evolução do crédito a pessoas físicas entre março e junho indica uma acomodação no ritmo de crescimento do volume disponibilizado às

famílias. Em março, o estoque de crédito para pessoa física havia aumentado 1,9% em relação a fevereiro. Já entre abril e março, a alta foi de 1,5%, passando para 1,9% em maio e, finalmente, para 1% em junho. Não se pode afirmar que isso já é uma tendência, mas os números mostram alguma mudança no comportamento.

Para pessoas jurídicas, a alta de 2,8% no volume de crédito segue trajetória de elevação identificada desde março. Naquele mês, o montante havia crescido 0,4%, com retração de 0,4% quando levado em conta o total em recursos livres. Já em abril, houve expansão de 0,9%, seguida de alta de 2,3% em maio. Este crescimento se deve a operações de grande porte concentradas entre grandes empresas. Os empréstimos estariam relacionados a necessidade de capital de giro e de recursos para investimentos.

Contas Fiscais

Resultado Primário: em junho, o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$2,1 bilhões em junho. O Governo Central e os governos regionais registraram superávits de R\$746 milhões e R\$1,7 bilhão, respectivamente, enquanto as empresas estatais registraram déficit de R\$387 milhões.

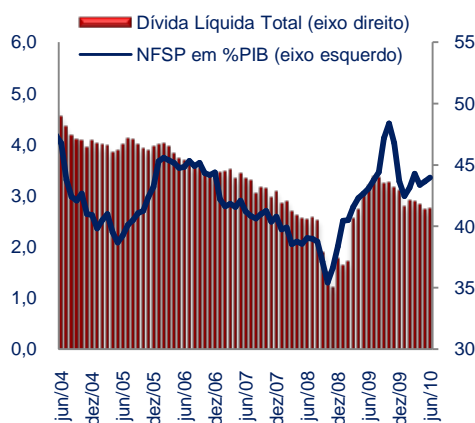
No ano, o superávit primário acumulado alcançou R\$40,1 bilhões, elevando-se 0,01 p.p. do PIB em relação ao primeiro semestre do ano anterior. No acumulado em doze meses, o superávit alcançou R\$69,4 bilhões (2,07% do PIB), reduzindo-se 0,06 p.p. do PIB em relação ao acumulado até maio.

Resultado Nominal: o resultado nominal do setor público, que inclui o resultado primário e os juros nominais apropriados, registrou déficit de R\$13,6 bilhões em junho. No acumulado no ano, o resultado foi deficitário em R\$51,2 bilhões (3,02% do PIB), elevando-se 0,1 p.p. do PIB em relação ao déficit registrado no primeiro semestre de 2009. No acumulado em doze meses, o déficit atingiu R\$112,2 bilhões (3,35% do PIB), comparativamente a R\$108,7 bilhões (3,28% do PIB) registrado no acumulado até maio.

Dívida líquida do setor público: atingiu R\$1.385,5 bilhões (41,4% do PIB) em junho, mantendo-se constante, como proporção do PIB, em relação ao mês anterior.

No ano, a relação DLSP/PIB registrou queda de 1,4 p.p. do PIB. Contribuíram para essa queda o superávit primário, com 1,2 p.p. do PIB; o efeito do crescimento do PIB corrente, com 2,6 p.p.; a desvalorização cambial de 3,5% acumulada no ano, com 0,3 p.p.; e o efeito das privatizações, com 0,1 p.p. Em sentido contrário, os juros nominais apropriados contribuíram para elevação correspondente a 2,7 p.p. do PIB, e o ajuste da paridade da cesta de moedas que compõem a dívida externa líquida, com 0,1 p.p.

Dívida líquida e Necessidade de Financiamento do Setor Público, em % do PIB



Fonte: BACEN

Dívida Bruta: atingiu R\$2.010,3 bilhões (60,1% do PIB), comparativamente a R\$1.991,4 bilhões (60,1% do PIB) em maio.

Dívida mobiliária federal: avaliada pela posição de carteira, totalizou R\$1.516,5 bilhões (45,3% do PIB) em junho, registrando decréscimo de R\$3,1 bilhões em relação a maio. O resultado refletiu resgates líquidos de R\$16,9 bilhões, decréscimo de R\$0,1 bilhão em razão da apreciação cambial e incorporação de juros de R\$13,9 bilhões. Destacaram-se as emissões líquidas de R\$14,2 bilhões em LTN, de R\$4,5 bilhões em NTN-F e de R\$2,3 bilhões em NTN-B; e os resgates de R\$37,5 bilhões em LFT.

Ao final de junho, a estrutura de vencimento da dívida mobiliária em mercado era a seguinte:

Estrutura de vencimento da dívida mobiliária em junho

Vencimento	Valores, em R\$ bilhões	% da dívida total
2010	R\$168,6	11,1%
2011	R\$308,3	20,3%
A partir de 2012	R\$1.039,6	68,6%
Total	R\$1.516,5	100,0%

Fonte: BACEN

Nossa perspectiva: a dívida líquida do setor público consolidado totalizou R\$ 1,385 trilhão em junho, ou 41,4% do PIB. O percentual é o mesmo identificado em maio. Na divulgação dos números de maio, o chefe do Departamento Econômico do Banco Central havia previsto que a dívida representaria 41,1% do PIB em junho. Esta redução não se confirmou. Em volume do estoque, porém, houve retração entre o montante de junho e o de maio, quando o montante foi de R\$ 1,371 trilhão.

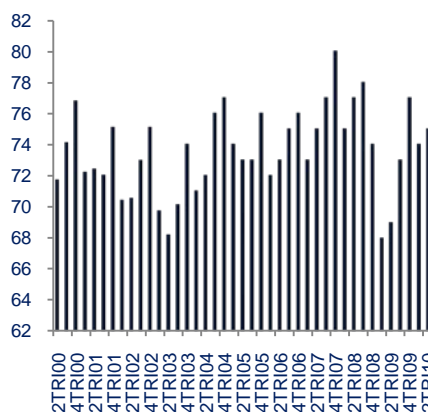
De qualquer forma, o Banco central manteve a projeção de que a dívida líquida do setor público deve fechar 2010 equivalente a 39,6% do PIB, ante 40% esperados antes. A nova projeção foi feita sob a ótica de que o PIB terá alta real de 7,3% este ano.

Indicadores industriais

CNI: a produção industrial continua crescendo, mas de maneira menos disseminada. Em junho, a atividade ficou praticamente estável na comparação com maio. Os indicadores de emprego permanecem com melhora, embora o aumento do número de empregados tenha mostrado sinais de estabilização.

Nível de Utilização da Capacidade Instalada

Em %



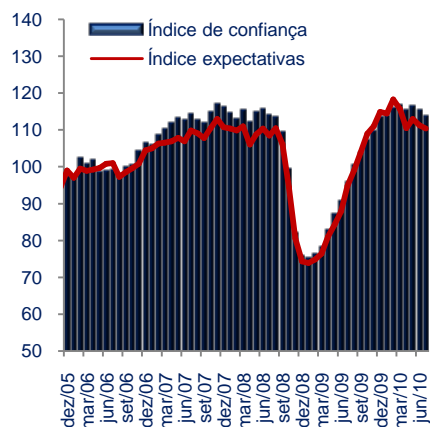
Fonte: CNI

O percentual médio de utilização da capacidade instalada foi de 75%, 1 p.p superior à do primeiro trimestre de 2010 e 2 p.p. inferior à do segundo trimestre de 2008 (antes da crise mundial).

No entanto, os industriais mantêm o otimismo quanto ao panorama dos negócios nos próximos seis meses, projetando aumento de demanda, exportações e nível de emprego. As expectativas da indústria quanto à demanda para os próximos seis meses atingiu 63,5 pontos, acima do verificado em julho de 2009, quando o indicador estava em 57,1 pontos. Em junho deste ano, ele estava em 63,4 pontos. A expectativa sobre a quantidade exportada atingiu 52,2 pontos. A pesquisa deste item começou em fevereiro deste ano, quando ficou em 53,5 pontos. Em junho, o indicador apontava os mesmos 52,2 pontos

FGV: o Índice de Confiança da Indústria recuou 1,5% em julho ante junho, passando de 115,3 pontos para 113,6 pontos, com ajuste sazonal. Sem ajuste sazonal, na comparação com julho do ano passado, a alta é de 18,2%.

Evolução dos índices de confiança e de expectativas da indústria



Fonte: FGV

O Índice da Situação Atual (ISA) recuou 2,2%, para 116,7 pontos, o menor nível desde fevereiro de 2010 (113,4 pontos). A média do trimestre maio-julho de 2010 de 118,4 pontos é ainda elevada em termos históricos, sendo comparável à do período entre julho de 2007 e junho de 2008.

Todos os quesitos integrantes do ISA apresentaram resultados menos favoráveis este mês, com destaque para o indicador de satisfação com o nível da demanda, que recuou 4,0% em relação ao mês anterior. A evolução decorreu da diminuição da parcela de empresas que consideram o nível de demanda atual como forte, de 28,5% para 25,8%; e do aumento da proporção das que o avaliam como fraco, de 7,6% para 9,7%.

O Índice de Expectativas (IE) reduziu-se em 0,8%, ao passar de 111,3 para 110,4 pontos, o menor desde outubro de 2009 (109,0 pontos). O índice agora encontra-se 6,7% abaixo do ponto máximo registrado este ano, de 118,3 pontos, em fevereiro.

Nossa perspectiva: o Índice de Confiança da Indústria sofreu uma redução pelo segundo mês consecutivo, indicando uma desaceleração do ritmo de atividade no setor industrial. Com o resultado de julho, o índice retorna ao nível de janeiro deste ano e fica próximo do patamar de julho de 2008, período anterior à crise financeira internacional.

Índice de Preços

IGP-M: o Índice Geral de Preços – Mercado registrou inflação de 0,15% em julho, desacelerando em relação ao mês anterior, quando houve inflação de 0,85%. No ano, o IGP-M acumula alta de 5,85% e, em 12 meses, a variação é de 5,79%.

IPA: o Índice de Preços ao Produtor Amplo, que responde por 60% do cálculo do indicador, variou 0,20% em julho, ante a taxa de 1,09%, registrada em junho. No ano, o IPA variou 6,67% e, no acumulado de 12 meses, a variação foi de 6,15%.

IPC: o Índice de Preços ao Consumidor, que possui peso de 30% no indicador geral, variou -0,17% em julho, em comparação à taxa de -0,18% verificada no mês anterior. No resultado anual, a taxa ficou em 3,63%. No acumulado de 12 meses, o IPC variou 4,48%.

INCC: o Índice Nacional de Custo da Construção, que responde por 10% do índice fechado, variou 0,62% em julho, ante a taxa de 1,77% em junho. O resultado referente ao ano foi de 5,95%, enquanto no acumulado dos 12 meses a taxa variou 6,57%.

Indicadores da semana

Ibovespa: o Índice Bovespa fechou a semana em alta de 3,17%, aos 68.625 pontos (em 02/08, às 13:40hs).

Dólar: a moeda norte-americana encerrou a semana com desvalorização de 1,24%, sendo cotada a R\$ 1,749 (em 02/08, às 13:40hs).

Juros futuro: os juros futuro negociados na BM&F, DI Jan 12, fechou a semana em 11,51% a.a.. Em 26 de julho, os juros estavam em 11,63% a.a.

Perspectiva do mercado – Relatório Focus

Em 30 de julho de 2010	2008	2009	2010	2011
PIB (em %)	5,2	- 0,2%	7,20	4,50
Produção Industrial (em %)	4,1	-7,40	11,98	5,05
Taxa de Câmbio no fim do período (R\$/US\$)	2,4	1,74	1,80	1,85
Selic (final do período, em %)	13,8	8,75	11,50	11,75
IPCA (em %)	6,6	4,31	5,27	4,80

Fonte: Bacen - Relatório divulgado em 02 de agosto de 2010. 2008 e 2009: Dados efetivos

Nota: Números em azul: resultado igual ao da semana anterior. Números em verde: resultado maior. Número em vermelho: resultado menor.

Calendário de divulgação – Agosto de 2010

Data	Hora	Evento	Referência	Consenso Mercado	Indicador Anterior
02/08/2010	08:00	 Brasil - IPC(S)	4ª Quadr/Jul	-0,17%	-0,14%
	08:30	 Brasil - Relatório Focus	Semanal	-	-
	11:00	 Brasil - Balança Comercial	Julho	US\$2.300M	US\$2.278M
	11:00	 EUA – Gasto com construção	Junho	-0,5%	-0,20%
	11:00	 EUA - ISM Index	Julho	54,2 pontos	56,2 pontos
03/08/2010	07:00	 Brasil - IPC(Fipe)	Julho	0,20%	0,04%
	09:30	 Brasil - Produção Física Brasil	Junho	-0,90%	0,0%
	09:30	 EUA – Rendimento pessoal	Junho	0,20%	0,40%
	09:30	 EUA – Gasto pessoal	Junho	0,10%	0,20%
	11:00	 EUA – Venda de imóveis pendentes	Junho	3,70%	-30,00%
	11:00	 EUA – Encomenda da Indústria	Junho	-0,30%	-1,4%
04/08/2010	09:15	 EUA - ADP Employment	Julho	35 mil	13 mil
	11:00	 EUA - ISM Serviços	Julho	53,00 pontos	53,8 pontos
05/08/2010	08:00	 Brasil - IGP(DI)	Julho	0,20%	0,34%

Contatos

13

Rio de Janeiro

Praia de Botafogo, 440/ 6º andar
Rio de Janeiro - RJ – CEP: 22250-040
Tel: (+55 21) 3797-1000

São Paulo

Av. Brigadeiro Faria Lima, 3.729/ 418
São Paulo – SP – CEP: 04538-905
Tel: (+55 11) 3443-7208

Porto Alegre

Av. Nilo Peçanha, 1221/601
Porto Alegre - RS – CEP: 90330-000
Tel: (+55 51) 3073-6563

www.nsgcapital.com.br



Presidência

Luiz Eduardo Franco de Abreu, MsC
luiz.abreu@nsgcapital.com.br

Diretoria de Pesquisa e Análise

José Carlos Franco de Abreu Filho, Dr.
jose.abreu@nsgcapital.com.br

Gerencia de Análise

José Carlos Franco de Abreu Neto, MsC, CNPI
jose.neto@nsgcapital.com.br

Departamento Econômico

Maria Fernanda C. de Lima Santin, MsC
fernanda.santin@nsgcapital.com.br

Diretoria de Operações

Marcos Carneiro da Silva
marcos.carneiro@nsgcapital.com.br

Gerencia de Equity Hedge

Fernando Barroso
fernando.barroso@nsgcapital.com.br

Diretoria de Estruturação

Andrea Moreira Lopes
andrea.lopes@nsgcapital.com.br

Disclaimer

As informações financeiras utilizadas nesta apresentação foram obtidas diretamente das fontes discriminadas ao longo do documento, que não são exclusivas. Todas elas foram obtidas de fontes públicas confiáveis e de boa fé, mas não foram independentemente conferidas, de modo que nenhuma garantia, expressa ou implícita, é feita sobre sua exatidão ou integridade.

Este documento foi preparado pelo Departamento Econômico da NSG Capital e está sendo fornecido meramente em caráter informativo. As informações, opiniões, estimativas e projeções referem-se à data presente e estão sujeitas a mudanças como resultado de alterações nas condições de mercado, sem aviso prévio.

Este documento não é uma oferta de venda ou uma solicitação para aquisição de ações ou qualquer ativo financeiro. Ocasionalmente, executivos ou funcionários da NSG Capital ou de empresas controladas podem, de acordo com o permitido por lei, possuir uma posição, ou de outra maneira estarem interessados em transações com ativos direta ou indiretamente relacionados com este relatório. No entanto, a NSG Capital e qualquer empresa relacionada não aceitam responsabilidades por qualquer perda direta ou indireta surgida como consequência do uso deste relatório.

Nenhuma parte deste documento pode ser (i) copiada, foto copiada, ou duplicada de nenhuma forma, e por quaisquer meios, ou (ii) redistribuída sem prévio consentimento formal da NSG Capital.